

Rosa do Agreste

Giovanna Carvalho Fernandes Figueirêdo

Escola de Ensino Infantil e Fundamental O Autêntico

Orientador: Romão Alisson de Almeida Morais

Era um fim de mundo. Nada associado a apocalipses pré-determinados ou não, mas era um final de mundo, como um quintal velho e maltratado. Entretanto, era o seu fim de mundo, seu rancho, seu lar. Era o cantar do velho galo que a despertava todos os dias às cinco horas da manhã. Não reclamava; nunca o fez. Era seu hábito, sua vida, parecia estar sempre disposta para mais uma batalha – com todo o sentido do vocábulo –, e realmente estava.

Os pés rachados pisavam o chão árido e seco da caatinga, cujo clima escasso de chuvas a obrigava a colocar um balde na cabeça e, segurando outro na destra, ia ao poço em busca de água. A mão esquerda estava livre, ou quase isso: punha-a na cintura. Tratava-se de um charme feminino, ou um resquício do mesmo. Pés ao chão, balde na cabeça, outro em uma das mãos, mão esquerda na cintura: era mulher.

Mulher de fibra e coragem, aguentava aquele “rojão” – como se diz no Nordeste – sempre de sorriso no rosto. O poço distava exatos três quilômetros de sua casa. A ida fora rápida, mas o retorno sempre era mais trabalhoso, devido o peso dos baldes cheios – graças a Deus, pensava, tantas vezes já voltara sem o líquido precioso. Olhava para o alto, como que pedindo respostas da Providência, encontrava um suspiro de esperança no céu limpo de nuvens e caminhava em direção a casa. As crianças já devem ter acordado, imaginava.

Decerto, ao aproximar-se da moradia de barro, que tão graciosa e alegremente chamava de lar, dois curtos bracinhos correram abertos em sua direção. Os olhos brilhantes do pequeno eram mais um ânimo para Maria. Já a filha mais velha, estava a varrer os cômodos, a outra, um pouco mais nova, cuidara da criança durante o período em que a mãe esteve fora. Trabalhadeiras, as menores seguiam o exemplo materno, e só este, pois não havia figura de homem naquela família. Maria era mãe e pai, desde que, desesperado com a situação de flagelo trazida pela seca, o próprio fora embora, tentar a vida no Sul. Prometera voltar quando as coisas melhorassem, mas não melhoraram.

Enquanto isso, Maria tomava de conta de tudo. Era o seu suor que retirava da terra o sustento dos seus. Comiam o feijão que ceifavam, o restante vendiam por alguns trocados,

tentando sobreviver. Magra e um tanto pálida, recorria muitas vezes àquela que inspirara seu nome: Das Dores; Maria das Dores. Não podia haver nome melhor: ambas mulheres fortes, cujo sofrimento calado expressava os gritos de agonia de uma alma calejada. Devota que era, a sertaneja cria deveras que a Virgem lhe traria consolo; punha também sobre o devocionário a imagem do santo protetor dos pobres e excluídos do sertão: o “Padim Ciço do Juazeiro”, como o chamava.

Parecia realmente ter sido esquecida naquela província. Não havia chegado ali ideais revolucionários para fazer cumprir o objetivo milenar de valorização feminina, proposto pela ONU. Eram muitas as “Marias” vivendo nessas circunstâncias de mazela social, aparentando ser o mais característico repúdio da nação. Entretanto, estão aí, sem medir esforços, buscando elas mesmo a concretização de seu próprio zelo, na condição humana de ser gente. Das Dores pensava isso, de forma mais simples, porque não tivera oportunidade escolar e desconhecia o retrato social da população brasileira como um todo; era alheia a tudo que ultrapassava os limites geográficos de sua região. Ela enxergava a sua situação e, de alguma forma, sabia que havia algum desequilíbrio.

É certo que, vindas daquele mesmo chão, pobre de investimentos, muitas conseguiram ganhar espaço no país: a literatura extraordinária de Raquel de Queiróz, inaugurando o ingresso feminino na Academia Brasileira de Letras; a bravura de Maria da Penha, ao denunciar as violências sofridas; a influente atuação política de Bárbara de Alencar, ao encarar a prisão em nome de uma república tão almejada; a caridade e benevolência de Irmã Dulce, missionária de firmeza, indicada ao Prêmio Nobel da Paz; o talento reconhecido e apreciado de Ivete Sangalo e Elba Ramalho, assim como muitas outras “arretadas”, que elevaram essa terra a patamares, de certa forma, respeitadas. Porém, o que dizer de Maria das Dores? Qual oportunidade lhe é ofertada para que possa também ter voz ativa dentro da sociedade? Quais investimentos são dados à Maria, à Carolina (piedosamente cantada por Caetano Veloso), à Dona Gertrudes, à “Sinhá Vitória” e a tantas outras sertanejas que sobrevivem dos subsídios que restam das outras regiões?

A indagação assola o pensamento nordestino, mas permanece vazia, sem solução convincente. Sendo assim, o “fim de mundo” continua a ser o palco principal da desigualdade e do descaso político. A vida segue ininterrupta no rancho de Maria. É um ciclo, para o qual é necessária a coragem da mulher. E elas existem, tanto a mulher quanto a coragem, que, de tão unidas, passaram a constituir um único ser, o qual encaixa-se harmoniosamente nos versos de

Milton Nascimento, pois, de fato, “ é a dose mais forte e lenta de uma gente que ri quando deve chorar e não vive, apenas aguenta”.

Assim é Maria das Dores, assim são as diversas Marias, repletas de coragem, aguentando todos os desenganos, dando toda a força de seu labor, sendo suficientemente mãe, agricultora, costureira, lavadeira e mulher. Rosas do agreste.

Referências Bibliográficas

VELOSO, Caetano. Carolina

NASCIMENTO, Milton. Maria, Maria

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas